

Cartas para Lula



Por **LUIZ ROBERTO ALVES***

Os 580 dias de prisão de Lula se trançaram em memórias, sentimentos, denúncias e contação de histórias de vida

Escrever cartas foi e é uma forma de comunicação contínua no mundo. Trata-se da literatura que constrói a parceria, a cumplicidade humana e seus laços. Na história recheou sonhos, questionou valores e condutas, estimulou os mais jovens a criar, garantiu solidez e determinação aos mais velhos. Ainda quando seus enredos tenham sido negativos e muito críticos, o simples ato de escrever e esperar resposta acalentou reatamento de mãos, compaixão e desejos em direção ao futuro.

Escrever cartas é um ato literário e quem escreve é escritor, sem que isso signifique pedantismo. Pode ser a carta do pai e da mãe pouco letrados, pode ser a carta do aprisionado ou do exilado e suas pressões. Carta é comunhão, é encontro. Muitas vezes a literatura, sejam contos, romances e novelas, erudita ou popular e que se encontra nos livros, teve a forma de carta, quis dialogar com as pessoas e com o mundo. E foram muitíssimas essas formas de literatura. O livro *Quarto de despejo* da adorável Carolina de Jesus quer criar comunicação a partir da imensa pobreza, a qual teria de ser, inapelavelmente, comunicada e encontrar olhos, ouvidos, mãos, bocas capazes de dar resposta. Até hoje não se completou no cotidiano da vida brasileira o apelo de Carolina, por obra da bárbara inversão de valores que vige em nosso país.

Mário de Andrade (1893-1945), nosso gênio modernista, escreveu 7000 cartas. Só! Foi correspondente com muitas pessoas, jovens escritores, intelectuais de renome, pessoas do seu convívio, homens e mulheres de um tempo em que se acreditou em criar um Brasil integrado, avançado, justo. E viu o país dilacerado pelas elites econômicas e políticas sucedendo-se em várias formas de capitalismo, nenhum deles criador efetivo de direitos e de alegria. As cartas a Lula também ressoam temas e valores das cartas do nosso maior epistológrafo.

A despeito de a grande imprensa ignorar - pois ela não sabe fazer outra coisa nesses fenômenos chamados de "políticos", o que se viu no Tuca no último 31 de maio foi uma festa literária. Os 580 dias de prisão de Lula se trançaram em memórias, sentimentos, denúncias e contação de histórias de vida. Visto que o ato de contar também é o ato de acontecer e o ato de narrar pode ser um fenômeno de construir sentidos novos na vida, ou até se curar de dores e angústias, a festa literária foi algo total.

Pedro Dias de Almeida ditou uma carta por ser analfabeto. De Pilar do Sul, SP, 9 de abril de 2018. Dessa terra com feição rural e belezas em suas trilhas e cachoeiras, Pedro associa sua história à do líder preso. E esta é a narrativa principal do ditado: a idade, a vinda da cidade sergipana, a viuvez precoce, o serviço de ganho pobre. No entanto, uma das filhas estuda em Curitiba por obra dos muitos avanços nos modos de operar da universidade brasileira durante o governo Lula (formas de entrada, Reuni, bolsas) e que possibilitaram a ampliação do direito à educação para milhões de pessoas, especialmente a juventude.

Deste modo, a angústia sentida por Pedro enlaça sua condição humana à condição de seu líder, fato que opera, ainda, uma memória feliz da conquista de direitos pela filha, o que é a inversão simbólica de sua vida. Da não educação formal à educação universitária. Destarte, esta não é um ganho do capital e da mudança de classe para Pedro. É, sim, a concretização de um destino transformado, ainda que o curso universitário não leve a mudanças de classe ou ofereça salários modestos. Isso ele não discute. A mudança opera no coração de Pedro e sua narrativa cria a analogia da esperança da política.

Rosa, simplesmente Rosa, escreve na madrugada do dia 16 de novembro de 2018. Faz algumas comparações teológicas

a terra é redonda

para tentar sintetizar sua dor ao mesmo tempo em que diz não ter fé no abstrato. O momento que vive a aproxima da profecia, pois “parece que das profundezas libertaram-se demônios”. No entanto, reconhece que eles “sempre estiveram por aqui”. Sua narrativa conecta a terrível condição vivida à posição de vida emocional do líder preso, pois aqui e ali quer saber como ele está, o que passa, o que pensa.

Quer diálogo, ainda que não venha a receber resposta formal (pois foram enviadas a Lula 25 mil cartas no tempo da prisão) e, então, passa a fazer associações tradicionais de esperança: perdas de batalha, mas não da guerra, dos riscos das classes ascendentes que poderão sofrer intensas desilusões, associa o momento terrível à condição humana preta, parda e pobre. Toca nas feridas abertas ou reabertas em novo modo de administrar o país e garante que irá às periferias lutar pela libertação de Lula. Ao afirmar-se não-crente, finca pé, no entanto, na solidariedade e espera que muitos brasileiros estejam a emanar amor em direção a ele, como ondas “pelos ares do Brasil” e que elas sirvam de bálsamo no tempo em que Lula está “no prédio sisudo de Curitiba em que o encerraram de forma arbitrária e covarde”. O conforto se une à promessa de luta pela liberdade.

Fabiana, que se afirma LGBT, faz uma narrativa diversa, cujo texto reflete a ética da publicação. Ela demonstra tanto o acerto das políticas de inclusão e justiça quanto critica as mudanças do PT em direção a políticas liberais. Depois de associar os momentos melhores no trabalho Lula-Haddad, alerta para os retrocessos ocorridos e não tem dúvida em afirmar que o legado do presidente está em risco e que “o futuro de milhares de jovens negros, pobres está ameaçado”. Não deixa por menos ao escrever que “como jovem, vinda de classe operária, LGBT, sei o que é injustiça”. Depois de ver a classe operária, outra vez, na direção da marginalização, Fabiana não bota fé em conciliação e aponta erros dos governos do presidente Lula e de Dilma. Abre, porém, as portas para novos acordos com setores progressistas da nação e termina, outra vez, com o “legado ameaçado” por falta de um projeto de continuidade nas mãos do povo. Ao fim, “Atenciosamente. Força para se sustentar, Fabiana”.

Pedro, Rosa e Fabiana, componentes das 25 mil cartas a Lula, se inscrevem no mundo literário da correspondência a partir de um eixo central: a injustiça da prisão perpetrada pela parcialidade jurídica da Lava jato curitibana. Como é da natureza da epistolografia, as cartas poderiam ser curtas, denunciadoras e cheias de compaixão em face de uma injustiça. Mas os enredos foram outras. Essa gente escritora, consciente dos atavismos, dos ardis, das burlas e enganos da sociedade brasileira, aproximou a prisão à história.

Não foi só Sérgio Moro o alvo, mas uma onda maior dos que exigem os pobres continuadamente pobres e que afirma os seus fins a despeito de seus meios para alcançá-los. Pior, só com o suficiente para comer. Interessou pouco aos escritores essa vidinha miserável de adjutórios de sobrevivência. As cartas foram intrinsecamente políticas e destacaram vidas politizadas, vidas que apreenderam os sinais e os fenômenos do mundo e aprenderam a organizá-los, pensá-los e dar soluções a eles. Como se deu com o presidente preso em sua jornada desde o mundo nordestino à liderança sindical e política do país. O presidente preso passa a compor o Brasil errado, o Brasil da Colônia e do Império, tornados contemporâneos, reversíveis. Os poderes se refazem...se possível sempre!

Os escritores pensam o Brasil, a partir de si, como deve ser na epistolografia. Ainda que o eu não seja o centro do universo do pensamento, é indispensável para atestar a legitimidade da carta. E essa legitimidade dialogou com o presidente injustiçado. Na troca de cartas, vale o choro, a saudade e a angústia. Mas vale ainda mais a construção de consciência do projeto brasileiro de justiça e cidadania violentado e em franco retrocesso. Essas cartas são a verdade de uma correspondência singular na contemporaneidade humana e política do Brasil.

***Luiz Roberto Alves** é professor-pesquisador sênior da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. Autor, entre outros livros, de *Administrar via cultura: revolução educativo-cultural na ex-pauliceia desvairada, 1935-1938 (Alameda)*.

Referência

Querido Lula - cartas a um presidente na prisão. Maud Chirio (org). São Paulo, Boitempo, 2022, 240 págs.

a terra é redonda

A Terra é Redonda